

Ana Nunes Cunha¹
Cátia Luzia Oliveira da Silva²
Laerte Gonzaga Ferreira³

Resumo:

As práticas educacionais vêm mudando ao longo do tempo e tanto o ensino da literatura quanto a própria literatura vem sendo modificadas por conta da linguagem dos educandos que também está em constante movimento. O presente artigo vem mostrar o quanto o uso dos contos digitais, como prática educ comunicativa, vem auxiliar no desenvolvimento no ensino da literatura atual. O conto digital permite ao educando e ao educador usar o seu potencial crítico e criativo para ressignificar a prática de ensino e aprendizagem. A pesquisa aqui apresentada é bibliográfica, com leituras acessadas tanto a partir de sites na Internet quanto a partir de fontes impressas de autores, como Armando Damiano Nunes Alves, Miguel Arroyo, David Ausubel, William Roberto Cereja, Adilson Citelli e Costa, Marly Fernandes, Paulo Freire, Marisa Lajolo, André Lemos, Eduardo Lima, Cátia Silva et al., Liliam Silva, Donizete Soares, Ismar Soares, entre outros. A contação digital de histórias (digital storytelling) aqui tratada vem, com os avanços tecnológicos utilizados pelos educandos, dar novas possibilidades no pensar e fazer poético por contar com a exploração de novas habilidades educacionais. A produção do conto digital oportuniza aos discentes uma nova forma de se expressar, desenvolve a leitura e a escrita de textos literários, o manuseio de ferramentas digitais e empodera seus autores.

Palavras-chave: Conto Digital. Educomunicação. Literatura.

Abstract

SHORT STORY AS EDUCOMMUNICATIVE PRACTICE IN THE LITERATURE TEACHING

Educational practices have been changing over time and both the teaching of literature and literature itself have been modified by the language of learners who are also constantly moving. The present article shows how much the use of digital storytelling, as practice of educommunication, has helped to develop in the teaching of current literature. The digital storytelling allows the learner and the educator to use their critical and creative potential to re-signify the teaching and learning practice. The research presented here is bibliographical, with readings accessed both from Internet sites and from printed sources of authors, such as Armando Damiano Nunes Alves, Miguel Arroyo, David Ausubel, William Roberto Cereja, Adilson Citelli and Costa, Marly Fernandes, Paulo Freire, Marisa Lajolo, André Lemos, Eduardo Lima, Cátia Silva et al., Liliam Silva, Donizete Soares, Ismar Soares, among others. The digital storytelling here treated comes, with technological advances used by students, provides new possibilities in thinking and doing poetry by relying on the exploration of new educational skills. The production of the digital story gives students a new way of expressing themselves, developing reading and writing of literary texts, manipulating digital tools and empowering their authors.

Keywords: Digital Storytelling. Educommunication. Literature.

¹ [Graduada em Letras- Português, professora especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio].

² [Professora adjunta da Universidade Federal do Ceará].

³ [Graduado em Letras-Português, professor especialista em Língua portuguesa].

Resumen

CUENTOS DIGITALES COMO PRÁCTICA EDUCOMUNICATIVA EN LA ENSEÑANZA DE LITERATURA

Las prácticas educativas han cambiado con el tiempo y tanto la enseñanza de la literatura como la literatura misma ha sido modificada debido a la lengua de los estudiantes que también está en constante movimiento. En este artículo se muestran cómo el uso de cuentos digitales, como la práctica educomunicación consiste en ayudar a el desarrollo de la enseñanza de la literatura actual. El cuento digital permite al estudiante y educador utilizar su potencial crítico y creativo para replantear la práctica de la enseñanza y el aprendizaje. El estudio que aquí se presenta es la bibliográfico, con lecturas acceder tanto desde sitios en Internet como de fuentes impresas de autores como Armando Damiano Nunes Alves, Miguel Arroyo, David Ausubel, William Roberto Cereja, Adilson Citelli e Costa, Marly Fernandes, Paulo Freire, Marisa Lajolo, André Lemos, Eduardo Lima, Cátia Silva et al., Liliam Silva, Donizete Soares, Ismar Soares, entre otros. El cuento digital (narrativa digital) de este artículo viene con los avances tecnológicos utilizados por los estudiantes, dar nuevas posibilidades en el pensamiento y hacer poético apoyándose en la exploración de nuevas habilidades educativas. La producción de la historia digital ofrece oportunidades a los estudiantes una nueva forma de expresarse, desarrollar la lectura y la escritura de textos literarios, el manejo de las herramientas digitales y empodera a los autores.

Palabras-Clave: Cuento digital. Educomunicación. Literatura.

1. Introdução

O conceito de literatura e o ensino desta, já passaram por mudanças e continuam se reconfigurando de acordo com a realidade vivenciada na sociedade.

Na década de 80, com o fim da ditadura militar, iniciaram críticas ao sistema tradicional educativo e foram desenvolvidos programas governamentais a fim de resolver a crise educacional, crise de leitura e de alfabetização brasileira. As pesquisas e estudos aumentaram, inclusive sobre o ensino da literatura. A partir daí ocorreram contestações sobre as práticas fragmentadas, sem elucidação à criação e à produção literária. É sabido que o ensino da literatura contribui com a emancipação humana nos mais diferentes aspectos, sejam intelectuais ou emocionais. A educação literária é um tema emergente por conta das novas concepções, suportes e meios de difusão de textos. Com efeito,

ainda se tem a problemática do modo como o docente ministra as aulas de literatura. (MORTATTI, 2014).

Lajolo (1993) citou de forma metafórica que o texto literário causa incômodo, desinteresse e enfado nos fiéis, quando utilizado como obrigação ou encargo de tarefas. Daí as técnicas imediatistas não surtirem efeito quando já se está instalado o distanciamento entre leitor e texto. O professor já recebe um roteiro tradicional definido por editoras com script de autoria alheia. Para a autora o texto literário pede contato solitário e profundo. Ou o texto dá sentido ao mundo ou não há sentido nenhum. E o desencontro do jovem com a literatura na escola é um reflexo de alguns empasses, dentre eles a relação com o cotidiano do aluno.

Muitos discentes não encontram na literatura lecionada na escola oportunidade de interagir, já que a abordagem tradicional visa apenas o acúmulo de informações contidas nos livros didáticos.

Cereja (2004) diz:

Com base em nossa experiência pessoal de mais de vinte anos como professor de literatura no ensino médio e de quinze anos como autor didático, e também com base nos planejamentos escolares e nos manuais didáticos de literatura existentes no mercado, notamos que a organização dos conteúdos, apoiada na historiografia literária, privilegia o enfoque cronológico de movimentos, gerações e autores, com suas respectivas obras de destaque. Estudar literatura, sob essa perspectiva, quase sempre é o mesmo que conhecer, geralmente de forma passiva, aquilo que os “bons” escritores (com todas as falhas e injustiças que historicamente sempre ocorreram nessa avaliação) escreveram ao longo da história de nossa cultura. Trata-se, pois, de uma concepção conteudista e enciclopédica de ensino de literatura. (p.18)

A literatura é vista pela maioria dos estudantes, como mostra a pesquisa feita por Cereja (2004) em algumas escolas de São Paulo, como uma disciplina escolar e não como expressão de sentimentos e pensamentos. É desse modo, como diz Silva (2013), muitos educandos não atribuem valor à disciplina de literatura, consideram um trabalho inútil.

Os discentes são atraídos pela literatura veiculada nas novas tecnologias e se sentem motivados por essa linguagem. De acordo com Silva (2013):

[...] os jovens têm demonstrado maior interesse nas leituras advindas dos meios de comunicação em massa e no que se transmite através das redes de internet, por serem conteúdos que de algum modo chamam a atenção por trazerem temas próprios de suas faixas etárias de uma forma bem mais dinâmica que as aulas de literaturas transmitidas pelos professores. (p.26)

Com isso, torna-se um desafio para o educador desenvolver metodologias para envolver os aprendizes no ensino da literatura. “Além disso, como a literatura é, a um só tempo, linguagem, discurso e objeto artístico, ela deve ser tomada

tanto em sua dimensão comunicativo-interativa, dialógica e estética, quanto em sua dimensão histórica, social e ideológica”, cita Cereja (2004, p.318 e 319). E ainda está vinculada à dimensão ambiental, cultural e política.

Hoje as tecnologias digitais de informação e comunicação vêm auxiliar na prática desse ensino. A tecnologia é uma grande aliada para lidar com os novos perfis dos alunos recebidos pelas escolas, pois está em sintonia com o cotidiano deles. Como diz Arroyo (2010) o ensino deve estar pautado para atender os diversos e não o contrário.

E a realidade dos educandos deste século está centrada nos avanços tecnológicos digitais de informação e comunicação. De acordo com Saccol e Barbosa apud Lima (2012),

Viver e conviver em um mundo cada vez mais ‘tecnologizado’, conectado, ou seja, em uma ‘sociedade em rede’, traz consequências importantes, representando significativos desafios para os processos de ensinar e de aprender, tanto nos contextos formais quanto nos contextos não formais de educação (p. 02)

O educador precisa se apropriar das tecnologias digitais de informação e comunicação e usá-las a seu favor. As tecnologias fazem parte do cotidiano. Ausubel (1982) lembra que a aprendizagem significativa provém do conhecimento prévio dos alunos que tem que ser valorizado. “‘Pensar digitalmente’ as práticas pedagógicas é um procedimento produtivo e consistente em apreender as lógicas do digital e aplicá-las a diversos contextos (...)” Lopes e Alves (2009, p. 09).

E como cita Danziger e Johnson (1970),

[...] a literatura pertence, tradicionalmente, ao domínio das artes, em contraste com as ciências ou o conhecimento prático, e o seu meio de expressão é a palavra, em contraste com os sinais visuais da pintura e escultura ou os sons musicais. (1970, p. 01)

Nessa perspectiva, os contos digitais (digital storytelling) emergem do contexto atual como prática didática eficaz, pois potencializam a exposição de pensamentos e sentimentos. Como cita Silva e Branch (2012),

Digital Storytelling (contação digital de histórias) é uma atividade que alia a prática milenar de contar histórias às novas tecnologias da informação e comunicação, sobretudo às ferramentas baseadas no computador. Como o próprio nome implica, a história digital traz um misto de imagens digitais (estáticas e/ou em movimento), texto, música e narração. Sobretudo, contos digitais são uma forma significativa de aprender, de realizar a integração da tecnologia no contexto escolar e se constituem em formas eficazes de comunicação e expressão (p. 04).

O conto que faz parte da literatura que antigamente só se manifestava de forma oral, como grandes narrativas poéticas como *Ilíada* e *Odisseia* de Homero⁴, depois escrita e impressa, hoje, pode se manifestar de forma digital.

A storytelling têm suas origens na década de 1990 com o co-fundador do Center for Digital Storytelling, Joe Lambert e Daniel Meadows. A narrativa é curta, utiliza elementos textuais, visuais, sonoros e pode ser feita a partir da gravação de áudio, imagens em movimento ou fotos.

O conto digital possibilita a interação nos ambientes virtuais e pode potencializar a aprendizagem. Além de propiciar a utilização de ferramentas digitais e softwares, o conto digital necessita da elaboração de textos que mediante orientação do educador pode se estabelecer o fazer literário. De acordo com Fontana (2016):

O digital storytelling acompanha a inovação e o poder de criação, pois cada roteiro permite aos alunos transformá-los em uma experiência multidimensional. Para tanto é uma das formas do professor inserir a tecnologia no ensino para facilitar o processo de aprendizagem, isto em diversos programas, sites e aplicativos que auxiliam neste aspecto. (FONTANA, 2016, p. 115)

A partir desses conceitos o educador pode utilizar o conto digital para ampliar as formas de interpretação da linguagem e inovar o ensino da literatura por meios digitais. Com múltiplas possibilidades de abordagem literária, já que trazemos para as configurações do discurso a Educomunicação.

Como define Citelli e Costa (2011), educomunicação é uma área do conhecimento que busca pensar, pesquisar e trabalhar a educação formal, informal e não formal a partir de ecossistemas comunicativos. Os ecossistemas comunicativos, de acordo com Soares (2011) são:

um termo como uma figura de linguagem para nomear um ideal de relações, construindo coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias. (2011, p.44)

Portanto, a presente pesquisa pretende contribuir para o entendimento de um novo modelo de prática pedagógica. Tendo dados qualitativos, pois se baseia na investigação de caráter bibliográfico, com fichamento de livros e artigos em sites voltados para o tema. Busca explicar e mostrar o digital storytelling como uma metodologia complementar de construção de conhecimentos, como meio de transformação cultural e social.

⁴. Homero foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

2. Desenvolvimento

As exigências do ensino e da educação são cada vez maiores e mais complexas. A indisciplina, o insucesso escolar e o abandono escolar são problemas que integram o cotidiano dos professores, por isso a escola precisa estar conectada com a linguagem atual para dialogar e saber mediar conhecimentos. Surgem novas palavras, novas linguagens verbais e não verbais, por assim dizer, surge uma nova literatura.

O educando atual convive com tecnologias que se modernizam a cada dia, manuseando computadores, games, mensagens rápidas via celulares, sites na web entre outras ferramentas que os fazem pensar de forma diferente, criar mais signos linguísticos com expressões e significados amplos e específicos. Os discentes estão vivendo numa Cibercultura ou cultura digital que segundo Lemos (2010):

é a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias... é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais... Ela não é o futuro que vai chegar mas o nosso presente (home banking, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros.). (2010, p.01 e p.02).

Interagindo com essas linguagens, Moreira e Sartori (2015) complementam dizendo que as tecnologias digitais (TD) aproximam os professores dos alunos, já que é uma forma de atraí-los e de estar em contato com eles, quando relatam que:

As TD fazem parte dos cotidianos de muitas pessoas no mundo. Trata-se de uma experiência sensitiva sedutora que mescla prazer, encantamento, curiosidade, acesso a informações diversas, facilidade de comunicação, muitas possibilidades

expressivas, com uma gama de possibilidades participativas. ... Hoje em contato com as TD, os jovens se apropriam e constroem parte deste ambiente,...criando novas formas de 'estar junto', de se comunicar e, portanto, de 'ser' e 'estar' nos tempos atuais. Ao demarcar um local, uma rede entrelaçada de significados e de maneiras variadas de fazer no espaço virtual, estes jovens constituem e são constituídos por estes ambientes, além de apresentam práticas sociais que se caracterizam pelas novas formas de socialidade (2015, p. 370 e p. 371).

Soares (2001) fala sobre as novas tecnologias como "áreas de intervenção" e diz que elas apresentam-se como portas de ingresso ao universo das práticas educacionais, e voltadas para a mediação tecnológica na educação. O autor ainda afirma que se deve criar projetos sociais que caracterizem a era da informação e comunicação.

E Soares (2011) confirma que essa prática estimula o ensino, a aprendizagem e a liberdade de expressão:

Se de um lado, como informa a pesquisa da MacArthur Foundation, a tecnologia vem se transformando na grande aliada da juventude, por outro, o uso fluente e especializado dos recursos de comunicação tem modificado alguns conceitos de aprendizagem, dando destaque a uma dinâmica em que o estudante demonstra maior autonomia para a experimentação, o improviso e a autoexpressão. Nesse sentido, a tecnologia se torna, igualmente, uma aliada do educador interessado em sintonizar-se como o novo contexto vivido pela juventude. (2011, p. 28-29).

E hoje, com a existência da internet e da linguagem digital existem inúmeras possibilidades de criar ou recriar a literatura.

Para Silva (2003):

A leitura de textos produzidos contemporaneamente e a inclusão de obras que apresentam uma estruturação pouco linear tornam-se práticas que

ainda precisam ser mais valorizadas em sala de aula... O aluno deveria ser orientado para compreender o papel estético da literatura, bem como a função social desta manifestação artística. Não encontrando uma relação direta entre o texto literário e o seu cotidiano, o aluno não percebe a literatura como espaço de construção de mundos possíveis que dialogam com a realidade. (p.517)

Evidenciando que as novas tecnologias e a criação literária estão ligadas pela criatividade e a realidade vivenciada. Fernandes (2013) afirma que:

“[...] esses alunos podem elaborar, criticamente, novas formas de representação de discursos, temas, estilos em suas novas criações,... um dos caminhos para pensarmos em como aproximar a cultura do aluno à cultura escolar podem ser os novos gêneros discursivos digitais... incorporados ao ensino de literatura e, conseqüentemente às práticas de leitura em sala de aula de Ensino Médio.” (p.04 e p.05).

A literatura com suas especificidades ganha novas formas de divulgação e expressão, e novos meios para sensibilizar o público. O desafio é saber manusear a tecnologia, enquanto a produção literária continuará importante por seu significado (AGUIAR e BARSSOTI, 2010).

Compreensivelmente a literatura se manifesta de diferentes formas em diferentes gerações, como em cada escola literária existem suas características, em cada época os traços específicos da manifestação dessa vão se modificando. E o mais importante traço literário até os dias de hoje é o que se conta do que se vive por meio de histórias.

Com o rápido desenvolvimento tecnológico emerge uma nova versão de conto, o conto digital (storytelling), conforme Robin apud Lourenço e Ramos (2013),

a narrativa digital é uma ferramenta poderosa para os educadores e para os alunos criarem as suas próprias histórias, sendo que a adoção de um ponto de vista e a definição de uma questão dramática despertam o interesse, a atenção e a motivação dos alunos. Além disso, favorece a colaboração e desenvolve vários tipos de literacias, incluindo a literacia informacional, literacia visual, literacia digital e literacia dos media.... Favorecidas por esta metodologia são as literacias, não só a literacias digital, pelo aumento na proficiência dos alunos no uso das ferramentas tecnológicas verificado, mas também a literacia visual, através da leitura de imagens. (p.937 e p.943).

Nesse contexto o educador tem um grande aliado para inovar sua prática, inclusive de forma interdisciplinar. A produção do conto digital permite ao aluno e ao educador usar sua criatividade e literatura prévia para intensificar os significados da literatura tradicional.

3. Metodologia

Para organizar uma narrativa digital (ND) foi criado um modelo por Ohler (2008) apud Alves (2012, p. 73 e p. 74) com cinco fases:

1) Planejamento da história: Clarificação do núcleo central – “story core”⁵ que motiva ou cria a necessidade de a contar, seja um problema, um conflito, um objetivo a alcançar, ao que se pode acrescentar a criação de um “story map”⁶, delineando as ideias gerais, por exemplo na forma de um diagrama, prosseguindo para a escrita –story writing⁷– podendo já ser na forma de storyboard⁸/guião;

2) Pré-produção: Pode-se organizar uma lista prévia dos materiais a reunir: imagens, desenhos,

5. * Núcleo central da problemática em que se baseia a história.

6. ** Mapa da história, ou seja, o caminho por qual a narração vai caminhar.

7. *** A criação ou escrita de uma história.

8. **** A sequência dos fatos e diálogos planejados que ocorrerão em uma narrativa.

materiais a digitalizar, filmagens, entrevistas, ...;

3) Produção: Edição dos materiais: gravação de voz, composição entre voz e música, ajuste entre imagem, texto e elementos sonoros, (...). Esta fase pode consumir muito tempo se a ênfase for na qualidade técnica como produção mediática e pode ser um pouco monótona se houver necessidade de muitas visualizações para sucessivos reajustes;

4) Pós-produção: Onde se faz a inclusão de títulos, ficha técnica e créditos finais, exportando-se para filme em formato compatível com as aplicações habituais de visualização;

5) Apresentação do trabalho: Pode ser perante uma audiência (turma, comunidade escolar, (...), podendo ainda ser divulgado através de plataformas Web(...), que surgiu do projeto de uma escola estadual cearense (E.E.M. Pe. Rodolfo Ferreira da Cunha) cujo objetivo foi divulgar as vivências e os conhecimentos dos ecossistemas litorâneos local, através dos contos digitais.

As interações foram feitas por meio de atividades que ocorreram no ecossistema comunicativo online e presencial. Para as quais se estabeleceu uma aprendizagem colaborativa na visão ambiental, informatizada e linguística, gerando um conteúdo interdisciplinar.

No ecossistema presencial os discentes tiveram uma oficina com o núcleo de Educomunicação da UFC sobre Contos Digitais, tiveram momentos de estudos sobre e-mails e como criar um perfil no facebook para socializar com a comunidade virtual. Estudaram o aplicativo Movie Maker por meio de formações e um tutorial organizado pelo professor do Laboratório de Informática Laerte Ferreira.

Além disso, os alunos tiveram uma palestra com o título "palavras rimadas" com o escritor Laerte

Ferreira e o cordelista Pedro Alves (ambos professores da Escola Pe. Rodolfo Ferreira da Cunha), inspiradora da escrita de narrativas poéticas que comunicaram a visão dos educandos sobre o conteúdo pesquisado de forma literária. Tiveram aulas passeio para que conhecessem os ecossistemas litorâneos locais. Nessas aulas, fazia-se o registro fotográfico, eram gravadas com celular as explicações feitas pelo biólogo Célio Alves que os acompanhava em cada ambiente litorâneo.

Em equipes os educandos selecionaram fotos, escreveram textos a partir das imagens (storyboards), fizeram pesquisas na internet no Laboratório de Informática Escolar- LEI, escolheram a trilha sonora, gravaram áudios com o celular. No aplicativo estudado produziram os contos digitais que foram postados na fanpage^{9*****} criada para a realização do concurso de contos digitais que contou com o voto dos internautas através de curtidas. A interação virtual aconteceu com visualizações, comentários, compartilhamentos e curtidas na fanpage.

Para Cunha et al (2016),

O projeto promoveu uma mobilização de toda escola, em um ecossistema comunicativo, tendo a participação de alunos, professores e membros externos nas produções e relatos, sendo estes fatores de mobilizações das estruturas cognitivas internas, mediadas pelo uso das tecnologias digitais da comunicação, motor para formação de autoria e empoderamentos dos educandos em construir processos de conhecimento por meio de uma nova forma de expressão e linguagem. (p.7).

Com esse modelo, o educador tem um norte para orientar a produção dos alunos. Cada fase conta com habilidades que exigem concentração, organização, coerência e cooperação. Ele planeja as ações e as gerencia de acordo com a experiência que queira abordar em suas aulas por meio do conto digital. Para Robin apud Alves (2012),

⁹. ***** <https://www.facebook.com/contosdigitaisrairienses/videos/>

[...] as ND Podem ser utilizadas quando se inicia uma novo conteúdo procurando ativar a atenção ou enfatizar e integrar os alunos num determinado tópico, visando concentrar atitudes direcionadas para a atenção ao mesmo tempo que podem constituir um elemento importante na motivação para a aprendizagem, se pensarmos na sua produção e apresentação[...]. (2012, p.81).

Diante do processo de produção dos Contos digitais muitos elementos educativos vão se estabelecendo, como diz Fosnot apud Alves (2012, p.81):

Na medida em que os alunos são os criadores das narrativas, podem ascender ao conhecimento por caminhos diferenciados, resultando um produto que é a interpretação simbólica de um dado fenômeno, conferindo-lhe a qualidade de (...) sujeito de aprendizagem como um indivíduo autônomo e interessado, capaz de pensar por si próprio – alguém que questiona, investiga e raciocina. (2012, p.81).

Daí parte o desenvolvimento de habilidades e competências educacionais demandadas durante o ensino médio que é despertar a criticidade do aluno por meio de interpretações autônomas, questionamentos, pesquisa e expressão do que se pensa de forma coerente e coesa.

E o educando ao abordar uma temática a partir do que sabe tende a aprofundar conceitos com leitura e pesquisa para expor seu ponto de vista por meio dos contos digitais, que aliam literatura e tecnologia. Veiculadas de forma não convencional, mas com alto teor de figuras linguísticas e expressividade. Com a observação dos pensamentos e sentimentos contidos nas produções dos educandos é possível observar a poética contida nelas. Rompendo ainda, com a “cultura do silêncio” citada por Freire (1996, p.201), incitando a liberdade de expressão e o reconhecimento de suas ideias publicadas no conto digital.

De acordo com Silva e Branch (2012, p. 03) “Uma história - pessoal, de alguém ou de conversação - representa a própria luta para entender e explicar o mundo, construindo conhecimento”. Manifestando o teor político que se desenvolve em processos educacionais que como citou Soares (2006, p.5) se dá num espaço de realizações de atualização ou concretização de projetos que nascem dos sonhos e/ou necessidades dos grupos sociais em processo de formação e organização, nascendo novos discursos e organizações sociais.

Em consonância com esse pensamento produzir contos digitais também fortalece valores e interpretações. Valente e Almeida (2014) citam que:

a história narrada traz implícitos valores, singularidades, crenças, concepções e moral do autor em relação aos acontecimentos narrados e aos atores citados na narração, convidando tanto o autor como o leitor a uma resposta ética e poética, com influência em suas ações para além do texto narrado. (2014, p.39)

E o que se narra começa a ter amplos significados dependendo do envolvimento do autor e leitor. Corroborando com Freire (1996, p.77), “[...] somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar [...]”.

Com a produção de contos digitais o estudante tem novos olhares e atribui sentido ao mundo que o cerca. Esse instrumento didático compatibiliza-se, dando margem à proposta dos PCN’s: “conviver de forma não só crítica, mas também lúdica, com situações de produção e leitura de textos, atualizados em diferentes suportes e sistemas de linguagem –, [...] (BRASIL, 2008, p. 32).

E como afirma Fernandes (2013):

por serem mais interativos, estes textos podem se tornar conteúdos mais expressivos / representativos para os alunos, pois as práticas de interação virtual,

mais colaborativas, podem extrapolar aquelas presentes nos textos impressos. (...) Além disso, devem promover a interação proativa com os elementos hipermediáticos desses gêneros discursivos digitais, no sentido de buscas as apreciações ativas e responsivas dos seus usuários (professores e alunos) e, com isso, possibilitar a aproximação desses novos gêneros discursivos digitais com aqueles que já produzidos na literatura canônica. (p.07 e p.08)

O conto digital possibilita a colaboração e a participação democrática na criação das histórias que se queira relatar. Fernandes (2013) ainda reitera,

devemos levar em conta a necessidade de novas abordagens de ensino e aprendizagem de literatura que se fazem sentir em função das novas tecnologias digitais e das possibilidades de ampliação para os multiletramentos e para os novos letramentos que extrapolem as linguagens verbais (percepção de imagens e de sons que ampliam as construções de sentido no processo de leitura, por exemplo), principalmente em contexto de Ensino Médio, ou seja, na etapa final da Educação Básica. (p.08)

A narrativa digital também contribui para a mensuração dos conhecimentos, quando o discente associa a imagem, ao texto e a trilha sonora utilizando o software de edição de imagens e vídeos, ganha o poder de retratar o que pode ser vivenciado por meio de pesquisa ou de experiências extraescolares através do Conto Digital. Atribuindo sentidos com aspectos éticos, estéticos e poéticos delineados pela interação do educador e educando, mostrando que a técnica não é o principal, mas sim a interlocução que se dá durante e no final no processo de criação dessas narrativas.

Silva (2015) diz que:

"(...) storytelling de maneira geral pode promover uma aprendizagem autêntica que ajuda os alunos a desenvolver uma vasta gama de habilidades intelectuais. ... Mas o mais importante é que os ajuda a desenvolver a criatividade. Uma experiência

educacional que inclui narrativas digitais não só promove o desenvolvimento dos estudantes naquilo que estão estudando, mas desenvolve comunicadores ao longo da vida. ... Esta é uma maneira de engajá-los e que ajuda muito na construção de interações interpessoais onde todos se envolvem e trabalham juntos." (p. 1)

Freire (2005) critica o modelo de ensino centralizado no educador e diz que é a partir de ações dialógicas que a aprendizagem acontece. A narrativa digital foge do repasse verbalista do educador, ela ganha vida a partir das mediações pautadas na realidade e experiências do educando.

Hack, Ramos e Santos (2013) dizem que:

(...) através da construção de ferramentas, as pessoas constroem a base material para a consciência, transformando os ambientes e reestruturando os sistemas funcionais em que atuam e aprendem. Ao fazer isso, lançam-se trajetórias e desenvolvimento do pensamento e da ação que repercutem amplamente, abrangendo as dimensões individual e coletiva, material e semiótica. (2013, p.16)

Os contos digitais contemplam situações da realidade vigente que requerem novas atitudes, habilidades e criatividade, viabilizando uma nova forma de aprender. Conforme Alves (2012):

A realização de narrativas digitais pelos alunos, seja individualmente ou em grupo e independentemente do tipo de narrativa, constitui uma prática de trabalho que transcende a dimensão meramente instrumental e contribui para preparar os alunos para as exigências das realidades econômicas, sociais e tecnológicas que marcarão, inevitavelmente, o Século XXI. (p.102)

Com a produção das narrativas digitais surgem possibilidades para o educador inovar sua prática e tornar as aulas atrativas. E ao se apropriar da conectividade para a difusão e interação das produções, há a promoção das autorias. O (a) educando (a) se integra com a tecnologia e se torna responsável por suas produções.

4. Considerações Finais

A produção de Contos digitais potencializa as formas de expressão e linguagem, empodera os educandos com o uso das ferramentas digitais. Essa prática estabelece uma aprendizagem colaborativa, informatizada e linguística.

E, sobretudo, há a aprendizagem da literatura por meio inovador e a aproximação da cultura do aluno à cultura da escola interligando contextos culturais literários no Ensino médio. Estabelecendo relações linguísticas interdisciplinares que perpassam o léxico de palavras de uma só disciplina e implicam em interpretações numa vertente global, em que imagem, som e voz são produtos gerados a partir de realidades que ganham significância para o (a) educando (a). O conto digital passa a ser de autoria dos (as) educandos (as) e disseminado na web revela discursos e sentimentos.

O educador tem nessa prática uma margem de trabalho em contexto interdisciplinar e mediante o uso dessa metodologia tem a oportunidade de refletir sobre seu processo didático pedagógico como profissional contemporâneo, engajado na busca de novos saberes e mediador de ações proativas, as quais oportunizam o envolvimento em questões políticas, sociais, ambientais e locais.

Buscar, testar novas práticas de aprendizagem faz parte da rotina de um bom educador. E o conto digital vem ajudar nessa busca constante de novos métodos de trabalho.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Leonel Azevedo de e BARSSOTI, Adriana. As novas tecnologias digitais e as perspectivas para o jornalismo e a literatura eletrônicos. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 11, n. 21:(8-15) jul-dez. 2010. Disponível em:

<http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1175/888>. Acesso em: 09 jan.2016.

ALVES, Armando Damião Nunes. **Narrativas Digitais nas aulas de Geografia: Um estudo com alunos do 10.º ano**. Disponível em: < >. Acesso em: 19 jan. 2016.

ARROYO, M. G. Políticas educacionais e desigualdades: a procura de novos significados. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, out./dez. 2010b.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**.- Brasília:Ministério da Educação,Secretaria de Educação Básica,2008.

CEREJA, William Roberto. **Uma proposta dialógica de ensino de literatura no ensino médio**. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/William_Cereja.pdf. Acesso em: 25 nov.2016.

CITELLI, A. O.; ADILSON, COSTA, M. C. C. **Educomunicação: Construindo uma nova área do conhecimento**. Paulinas. São Paulo, 2011.

CUNHA, Ana Nunes, SILVA, Cátia Luzia Oliveira, FERREIRA, Laerte Gonzaga e RIBEIRO, Célio Alves. Contos digitais como prática interdisciplinar no Ensino Médio. In: **Experiências Educomunicativas: Oportunidades coletivas de aprendizagem**. 1º edição. Amazon: Midleton, USA, 2016 (p.5-15).

DANZIGER, Marlies K. e JOHNSON, W. Stacy. **Introdução ao estudo crítico da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1974. Trad. Álvaro Cabral, com a colaboração de Catarina T. Feldmann (p. 9-14, 18-21 e 25-26).

FERNANDES, Marly. **Material didático digital para ensino de literatura**. Disponível em:<<http://www.maxwell.vrac.pucricio.br/23456/23456.PDFXXvmi=Tp726jPoQEEVziKET4M8oOWnRhQrdah7Bp9HJ07AFLwe5hTZmG8Mv6ann1QCc9JNzTvJUDTAprPuJJu7qDTWJ4l86dKjmu8VoEfkhaVHCLdmultWloU6sgfAu0URu30UH4g0fclRxVetFJr28m8CEnd9o82UbQQTV7Ubke4iAiNg3gicDqOiP3sebuam1ii8dusRzMsSBKVR38vuxPk1iAdOKBbLUuU80o1zburNgnGjwdOu3awlLkbwlmjgRep>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

FONTANA, Lígia de Assis Monteiro. **Digital storytelling: tecnologia para facilitar e não complicar.**

Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=6ORNDQAAQBAJ&pg=PA114&lpg=PA114&dq=conto+digital+digital+storytelling&source=bl&ots=Bw6Xdr1282&sig=WACeq2BSE25R0KoJD2_BqH9hkVE&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwirkuXb6pbQAhXHHZAKHcrGCNwQ6AEISjAI#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 7 de nov. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HACK, Josias Ricardo, RAMOS, Fernando e SANTOS, Arnaldo. Digital Storytelling e formação corporativa: possibilidades para a aprendizagem de adultos. In: **Comunicação & Educação: Paradigmas interculturais e autogestão educativa**, São Paulo, ano XVII, n.1, p.15- 23, jan./ jun.2013.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

LEMONS, André. **Cibercultura.** Alguns pontos para compreender a nossa época. Disponível em:< <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf> >. Acesso em: 28 jan. 2016.

LIMA, Eduardo Henrique M. **As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) na prática docente.** Disponível em:< >. Acesso em: 09 jan. 2016.

LOPES, Tiago Ricciardi Correa e ALVES, Mara Rosa. **Novos meios, novas práticas de ensino aprendizagem: proposta de produção colaborativa de um twiconto.** Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/25161/14652> >. Acesso em: 07 jan. 2016.

LOURENÇO, Cristina e RAMOS, Altina. **A narrativa digital na aula de língua portuguesa.** Disponível em:<> . Acesso em 09 jan. 2016.

MOREIRA, Patrícia Justo e SARTORI, Ademilde Silveira. **A sociedade e a vivência digital: das lan houses às lan escolas, rumo a cidadania e a cibercultura.** Disponível em:<http://issuu.com/abpeducom/docs/educomunica___o_e_direitos_humanos/?e=10597787/30991338>. Acesso em: 28 jan. 2016.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI.** Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n52/03.pdf>>. Acesso em: 02 de mar. de 2017.

SILVA, Cátia Luzia Oliveira da; HARRIMAN, e BRANCH, Robert Maribe. Aligning Digital Storytelling to The TPACK Framework: A Learning Experience for Pre-Service Teachers in A Learning-By-Designing Project. Anais do XVIII WIE. Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/Anais-30Anos/Docs/Artigos/5.%20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2_Ivanda.pdf>. Acesso em: 23 nov.2016.

SILVA, Jackeline Anne da. O estudo da literatura no ensino médio. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ccl/images/JACKELINE ANNE SANTOS DA SILVA O estudo da literatura no Ensino M%C3%A9dio.pdf>>. Acesso em: 23.nov.2016.

SILVA, Liliam. Digital Storytelling: Histórias que Ensinam. Disponível em: <<http://www.educacao-a-distancia.com/digital-storytelling/>>. Acesso em: 07 de nov. 2016.

SOARES, Donizete. EDUCOMUNICAÇÃO - O QUE É ISTO?. Disponível em: <http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf>. Acesso em: 03 de dez. 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

VALENTE, José Armando e ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Narrativas digitais e o estudo de contextos na aprendizagem. Disponível em: <<http://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/10/31>>. Acesso em: 19 jan. 2016.